

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS

Rua da Rainha, 134

Responsavel

Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 23 DE SETEMBRO DE 1900

O CARACTER INDIVIDUAL



Consiste o caracter individual na *firmeza* de vontade e na *coherencia* em todos os actos, constituindo assim estas duas virtudes psychicas a phisionomia moral do individuo, a expressão distinctiva e inalteravel da sua personalidade.

Assentes os principios e d'elles deduzido um ideal, o homem de caracter, tanto na prospera, como na adversa fortuna, põe em prática esses principios, que são o recto caminho por onde reverte á objectivação d'esse ideal.

Não é dado ao homem o formular para si, nas suas primeiras idades, o seu caracter. E' necessario o advento da idade reflexiva e a longa experiencia, que é da vida a mestra mais competente.

E tendo formado o seu caracter, tendo imprimido na sua individualidade um modo de ser inconfundivel, o homem não fica de tal sorte adstricto a essa modalidade pessoal, que não possa, sem perda do seu caracter, mudar de parecer em alguns pontos da longa trajectoria da sua eficiencia. Póde mudar de parecer e ficar homem de caracter, se ficarem salvos os seus principios.

D'esta arte o cidadão, que pertence a um agrupamento politico, póde passar d'esse para outro agrupamento sem

offensa da inteireza do seu caracter fundamental, se n'este forem professados os mesmos principios e forem identicos os ideaes, por ambos divergirem apenas no processo a empregar e nas pessoas, que procuram objectival-os.

Haverá uma questão de fórma e uma deslealdade pessoal, mas não haverá apostasia de principios, sendo certo que a passagem d'um para outro campo de combate até póde ser uma prova de firmeza de caracter e um acto de lealdade aos principios, que muito mais vale que a lealdade pessoal, quando a agremiação em que se servia houver falseado os seus principios, tendo-os mantido intemerata a agremiação em que se passára a combater. Gladstone, na sua longa vida politica de sessenta e oito annos, algumas vezes mudou de parecer, e lord Russell, fazendo o seu elogio, disse: onde está o homem de estado, que não confesse ter variado de opinião em muitos pontos particulares?!

A firmeza de caracter é uma grande virtude. Bismark foi um homem de caracter, e tão *ferrenho* era na sustentação dos seus principios, que foi cognominado o *Chancellor de Ferro*. E a essa firmeza deve a Allemanha a sua germonia na Europa e a resurreição da unidade germanica.

Verdade é que em 1891, quando já não era chancellor, foi vencido em Geestemunde por um simples cordoeiro na sua candidatura a deputado, elle, que pouco tempo antes dispunha de grande maioria das cadeiras do parlamento do grande imperio.

Mas não ficou sendo menos do que era: essa derrota repercutiu em todo o mundo, sendo esta repercussão mais honrosa, que a cadeira parlamentar, que lhe fôra negada. E' que os tempos tem muito de immutaveis, tem tão parecidas e indestructiveis affinidades, que não ha poder, que possa destruil-as: já os antigos romanos negaram a Catão uma estatua, e quando os estranhos visitavam a eterna cidade e perguntavam pela estatua do varão illustre, constituia a sua pergunta a estatua mais honrosa e elevada, que o dever civic e a arte romana poderiam levantar ao homem de tão superior character, que ainda hoje é citado pelos dados a citações classicas.

Todos conhecemos um paiz, que fica fronteiro ás Berlengas e bem perto da larga estrada que conduz a Pantana; um paiz, que, no dizer do glorioso epico, fica

«Onde a terra se acaba e o mar começá,
E onde Phebo repousa no Oceano.»

Todos o conhecemos e sabemos que nas camadas dirigentes d'esse paiz ha muitos homens de raro talento, verdadeiros intellectuaes, sendo todavia raros os homens de character, d'essa grande virtude, que dá mais ouvidos ao seu saber, que aos clamores desesperados dos utilitarios pessoases, que colloca muito acima das conveniencias partidarias as necessidades da collectividade e que fez dizer a um primeiro ministro da Italia contemporanea; «o homem público despréza ás invectivas e caminha direito ao seu fim.»

Em theoria, o *partidarismo* é um bem para um paiz e até uma necessidade para os paizes do parlamentarismo, pois deve ser uma força, que sustente os homens do governo emquanto se mantem na esphera dos interesses publicos labutando pela sua realisação. Mas no campo dos factos póde elle ser um grande mal, se os dirigentes não forem homens de character.

Longe do nosso pensamento o sustentar que o poder politico seja como que discrecionario, sem respeito pelo

povo e absorvente de quasi toda a liberdade dos cidadãos. Haja equilibrio estavel, conservando o poder publico e o poder do povo o seu justo pézo, a sua devida preponderancia. Destruído esse equilibrio, tudo será perdido. A absorção da liberdade do povo pelo Estado foi a principal causa da queda do imperio romano. A absorção da liberdade do Estado pelo povo foi a principal causa da queda da republica atheniense.

Não foi a pobreza agricola ou a artistica, não foi a pobreza commercial ou a industrial, que impobreceu o erario publico d'esse paiz, que demora entre as Berlengas e Pantana, pois é de solo feracissimo, de largas aptidões artisticas e de commercio e industria sufficientes. Foi na parte dirigida a pobreza moral, a perversão dos costumes, o partidarismo infrene. Foi na parte dirigente a pobreza de verdadeiros homens de character, que investissem contra todos estes grandes males da nação.

4.

O MEU CULTO

De mãos postas, diante d'esse altar,
Onde tu, meu amor, és uma santa,
Eu reso, noite e dia, sem cessar,
A oração que as almas leva fôr.

Quizera toda a vida abençoar,
Como o levita a hostia sacrosanta,
O teu nome, mulher! feito luar
Dentro do peito meu que chora e canta.

Quizera que aceitasses esta vida,
E, em troca, uma lagrima sentida
Me deixasses cahir no coração!

Porque essa doce lagrima seria,
Como um beijo de luz, que apagaria
As nebulas da minha ingratição.

JOAQUIM COSTA,

PENSAMENTOS

Na alma do perverso vegeta sempre a maldade, tudo o persegue! e elle só vive no seu ideal.

Os dotes de um cavalheiro demonstram-se em todos os seus actos.

Armando d'Oliveira.

BRANCA

A luz deficiente dos candieiros de petroleo, mal aparadas as torcidas, fumentos os vidros, a umas mesas estreitas, na redacção, escreviamos uns linguados, meios somnolentos e aturridos pela atmospherá carregada.

Um rapaz ia levando ao typographo os papeis garatujados, trazia copos d'agua fresca, saía a comprar cigarros, resmungando.

O meu companheiro acabára o trabalho; poisára a penna, e fumando, parecia entretido n'um pensar de o quer que fosse espantoso.

De subito, interrompendo-me:

—«Não sabes? Morreu a Branca...»

Não respondi. O apáro gasto emperava, e eu tinha o rosto pejado de camarinhas de suor que deslisava.

—«Nunca a comprehendí. E talvez essa estranha mysteriosa, que a envolvia, contribuisse para ser uma boa mulher, o que não obstou a que viesse morrer em hospital, sem dinheiro para medicamentos, a roupa empenhada. Ha coisas...»

—«Que parecem loisas, concluí eu, gravemente, entregando ao rapaz o ultimo linguado.»

Saimos. Estava um pouco íresca a noite, movimentadas as ruas, por onde passeávamos calados, elle pensando em não sei quê, e eu na Branca, que morrera, pobre e empenhada, no hospital.

Era uma mundana vulgar na apparencia, como todas as cortezãs, bem mysteriosa de genio e de sentir. Tinha um dizer fino e humoristico, uma delicadeza queimante, um despreñimento frio, que a graça gentil do corpo bem talhado a custo suppria, aquella mulher, que viéra ninguem sabe d'onde, vegetar no seio lacteo dos prazeres ruidosos. Não tinha arroubos sensuais de sympathia—era d'uma gelidez apathica de quem se sacrificava indolentemente.

Apaixonados cercavam-lhe o collo, de oiros faiscentes, de gemmas caras, de toda uma constellação de pedraria.

Adornava-se, tinha uma elegancia polida de luxo artistico; mas era um dia, que ao outro, dava ás companheiras e aos mendigos as prendas escolhidas de vespera.

E lá morreu, ha dias, na pobre cama d'um hospital, sem sorrisos e sem sympathias, fitando, pela janella aberta sobre o terraço, o pôr de sol d'uma tarde estival, entre enfermas, que gemiam orando pela desgraçada perdida, que, lentamente se paralytava, entrementes o sol lhe enviava um derradeiro beijo púrpurino e amoroso...

Guimarães, 19—IX.

EDUARDO D'ALMEIDA JUNIOR.

UMA LINHA...

(PAGINA DAS MINHAS «MEMORIAS»)



(Conclusão)

Ia subir palpando no bolso a carta, não fosse tel-a perdido, quando n'um sujeito que descia, de chapéu alto, cabelleira branca, bigode e pera *more militum*, me pareceu reconhecer quem procurava, pela indecisa recordação de um retrato entrevisto na primeira pagina de um dictionario bibliographico.

—E' V. Ex.^a o snr. B. A.?

—Sou sim.

—Trago esta carta para V. Ex.^a.

A' luz do globo branco que illumináva a escada e tinha em letras pretas o titulo do jornal, foi-a lendo pausadamente por sobre os oculos, e depois, tendo voltado para mim o olhar miudo, perguntou:

—Então o senhor que deseja?

Expliquei: Fazer um artigo, uma pequena biographia de Martins Sarmiento para o que tenho os necessarios elementos, dizia-lhe:

—V. Ex.^a sabe, fazem-se em Guimarães as festas onde o seu nome é bem conhecido e o seu valor tão justamente apreciado, quanto pode sel-o por leigos na sciencia. O meu desejo, o do nosso commum amigo, que me envia a V. Ex.^a e o de todos os vimaranenses era que esse nome illustre soasse bem alto pelo paiz inteiro; para isso contamos com o jornal de V. Ex.^a.

Alguem entrára vestindo um comprido agasalho de velludo e agitando distrahidamente na mão uma *stick* de canna.

Tinha o cabello grisalho e usava lunetas.

—Este moço, disse-lhe B. A. indicando-me com um gesto de mão, traz elementos para escrever a biographia de Martins Sarmiento.

E elle, um poeta cujo livro de versos pouco depois o diario offertou como brinde aos assignantes, curvou-se n'um gesto de inerte aquiescencia murmurando:

—Como o snr. B. A. quizer.

E novamente com a bengala fazia menção de traçar arabescos no pavimento de mosaico emquanto o outro me dizia:

—Pois então traga a biographia ou apontamentos para ella se fazer.

Eu murmurei apenas:

—Sim senhor.

Ia retirar-me quando elle acrescentou ainda:

—Estou aqui das onze ás duas todos os dias. Venha no dia quatro ou cinco.

Fui a seis. No primeiro audar um creado de suissas brancas indicou-me o gabinete.

Bati no vidro fosco da porta e o proprio B. A. veio abrir convidando-me a entrar na saleta estreita bastante atrancada por cadeiras e uma secretaria baixa de muitas gavetas.

Entreguei-lhe o artigo que elle se poz a lêr sentado, com demorada attenção, enquanto eu examinava os quadros pendentes das paredes: ao fundo proximo da janella, Camões na gruta de Macau, e na miucha frente grande copia de fototypias de um homem antigo em attitudes rigidas de estatua que me parecem Affonso d'Albuquerque; havia tambem chromolitographias, que deviam ser brindes do jornal.

B. A. ia já no fim da segunda tira, voltou-se e pousando em mim os olhos pequenos e franzidos por detraz dos oculos, observou-me:

— Isto tem de ser alterado.

Leu o periodo que dizia: *Sarmento secundado por um grupo de amigos atacou, no jornal fundado para isso, o Juiz Secco que recebia emolumentos indevidos e a seu bel-prazer insultava e suspendia advogados.*

Depois, tomando o primeiro linguado voltado sobre a secretaria, acrescentou:

— E isto tambem.

Era a historia das tagantadas publicas no padre Clemente de Mello que injustamente criticára o archeologo quando elle ainda não era mais do que poeta.

— Não se pode, explicava, dizer que um juiz recebe emolumentos que lhe não pertencem. E' um insulto grave! Gravissimo! nem é conveniente contar assim um caso de chicotadas.

Eu objectei que os factos estavam narrados em livros e jornaes, que eram do dominio publico, que de mais a mais os individuos mencionados estavam de certo mortos.

Elle duramente retorquiu dizendo que o desacato era ainda maior feito a defunctos que em virtude de essa falsa posição se não podiam defender ou vingar, e ajuntou, fazendo com a mão um largo gesto:

— A linha do jornal não o permite!

Pelo solemne modo com que as ultimas palavras foram ditas, comprehendi que essa coisa para mim desconhecida a que chamavam *linha* devia ser angusta e intangivel, e então, tendo recalçado o meu despeito, respondi:

— V. Ex.^a conhece essa linha que diz. Eu desconheço-a totalmente. V. Ex.^a alterará como entender.

Depois enquanto elle continuava a ler, a tal *linha* pareceu-me uma corda que manietava fortemente as ideias. Tive a tentação estúpida de perguntar se modernamente havia uma litteratura de linha, como ha tropa de linha e como já tinha havido litteratura de cordel.

E reflexionando maduramente quiz-me parecer que se a litteratura era de linha, lançada ao papel não devia dar jornaes, mas sim novellos.

B. A., que tinha achado no meu escripto mensão do roubo feito á Sociedade M. Sarmento, enterroneou-me estas considerações perguntando:

— Então nunca se descobriu o ladrão?

— Nunca, respondi.

Acabou de ler e disse:

— Está bem. Deve sair?

— No dia 11 que é o das festas. Escreveu no verso do ultimo linguado: Para o dia 11 e voltando-se: o nosso amigo já mandou um extenso telegramma. Leu?

— Li, respondi despedindo-me.

E pela estreita rua, onde ás janellas assomavam mulheres pinturiladas de carmins em trajos pelintramente espalhafatosos, sogui, para o meu quarto andar, monologando:

— Afinal a tal *linha* é linhaça emoliente que se applica aos artigos.

Cinco dias depois ao almoço, enquanto aguardava o bife carneo, desdobrei o jornal.

Lá estava a biographia, mas quão differente do que tinha sido!

Transformada, errada, refundida, para ser reduzida áquelle estylo amorpho e chato que é o do periodico. Só então comprehendi verdadeiramente o que era aquillo que B. A. chamára a *linha*. Era uma *superficie*.

Uma *superficie* onde se enpalmavam cuidadosamente todos os escriptos que entravam na redacção...

E nada mais que o sineiro cá da freguezia, não sei com que pretexto, está a atroar os ares e a desfazer-me a cabeça n'um repenir infrene e epiletico.

12 de setembro,

Homo.

SONETO

Por vezes tambem sinto o negro desalento
reprimir os vãos de minh'alma adejante,
— como naufrago que, por sobre o mar gigante,
perdido já, descre da luz do firmamento.

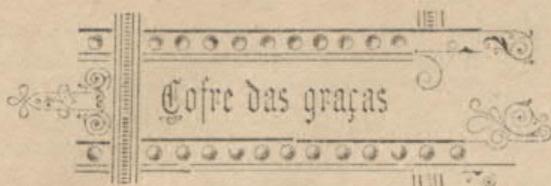
Appossa-se de mim o tetrico tormento
de quem trevas só vê no seu porvir distante;
— desmaia-me a esperança, outr'ora verdejante,
não me doirando mais de riso o pensamento.

Porém, breve s'esvae tão funebre tormento,
pensando ver fitar-m'a tua doce imagem
n'uma aurora d'amor celestial e calma,

Bemdigo então a luz da pura madrugada,
do teu olhar que vem, ó flôr idolatrada,
illuminar de sol as trevas de minh'alma!

Porto.

Joaquim Abrantes.



Fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 25—D. Maria de Bellem Corrêa.
Dia 29—D. Anna Candida da Cunha.

E os ex.^{mas} srs.:

Dia 23—Padre João Joaquim Gonçalves.
Dia 27—João Teixeira Mendes d'Aguiar.

Notas intimas

ENLACE

000000

Quinta-feira, 20 do corrente, na parochial egreja de S. Martinho de Sande, consorciou-se o ex.^{mo} sr. Dr. Antonio Rodrigues Leite da Silva com a ex.^{ma} sr.^a D. Julia dos Anjos Fernandes, gentil filha do acreditado negociante d'esta praça, o sr. Serafim dos Anjos Fernandes.

Depois d'este acto solemne, partiram para o Bom Jesus do Monte.

Aos noivos, possuidores de todos os requisitos das almas bem formadas, desejamos que o futuro lhes seja um inexaurível manancial de todas as felicidades.

Parte hoje para o Bom Jesus do Monte, o ex.^{mo} sr. dr. Manoel d'Albuquerque, diguissimo D. Prior da Collegiada de Guimarães e nosso distincto e apreciavel collaborador —Retira hoje para Lisboa, acompanhado de sua extremosa esposa, o ex.^{mo} sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves.

Tambem os acompanha seu irmão e cunhado, o ex.^{mo} sr. Francisco Lopes de Mattos Chaves.

Ao meu amigo Alfons Van den Daele

NO DIA DOS SEIS ANNOS, 21 DE SETEMBRO

V fim de conseguir's mui dilatada vida...
T embre-te desd'agora, em que, mais sorridente,
F loresce o ledo abril da tua mocidade,
O axioma, que diz :—mancebo, tem presente
N a memoria—e bem —que á (do Kruger...?) idade
S enil podes chegar ... E isto diz muito...

Amen.

J. SAID.

Chronica da Capital

LISBOA, 19-9-900.

Afastado ha longo tempo da terra que me viu nascer e desabrochar, onde tantas vezes rachei a cabeça, joguei a *lapada*, parti vidros de candieiros da iluminação publica, fiz eleições, pró e contra o governo, ajudei a missas, fui ás romarias de S. Thiago da Costa, da Penha, da Conceição de Fôra... eu sei lá... afastado d'esse torrão patrio a que me prendem estas e tantas outras recordações da infancia que a acção do tempo jámais consegue varrer da nossa memoria, d'esse sagrado torrão cujos muros a dentro existe ainda o que tenho de mais precioso na vida—uma mãe, um pae e irmãos e amigos,—foi, confesso, com suprema satisfação e não menos alvoroço que tomei sobre mim o honroso encargo de, nas columnas da *Memoria*, muito modestamente e despretenciosamente, como que palestrando cá de longe com os patrios amigos, ir-lhes dando conta d'esta ou d'aquella occorrença, mais digna de nota, passada n'esta linda Lisboa de marmore toda e de granito; d'esta Lisboa cujos habitantes tendo empouca monta a sua esthetica vão emigrando aos bandos para os campos e praias, buscando nos seus ares puros e oxygenados, provisão de saude para o resto do anno, neutralizando o deleterio effeito da atmospheria da Capital com as emanções das montanhas, da vegetação do mar.

Pena é que nem a todo o mortal seja dado o gozo de largar por a'gum tempo o afan quotidiano, a continua lucta pela vida em que o corpo se alquebra e a mente se esvae, e levantar vô para um *petit Chalet* Suisso emoldurado pelas frescas heras e pelos j-smins.

Esses, coitados, por cá permanecem vivendo a vida sempre nociva da cidade em que o trabalho mental é quasi constante, as commoções quasi ininterruptas para o que concorrem os acontecimentos, os theatros, os jornaes.

A alimentação de pessima qualidade e irregular. As habitações sem a cubagem sufficiente para o numero de habitantes, respirando e aspirando sempre o mesmo ar.

A respeito de exercicios physicos, poucos ou nenhuns, nem mesmo os da locomoção porque, sendo muitos e baratos os meios de transporte, não se anda a pé, abusa-se d'elles sem consideração pelo mal que advem do attricto communicado ao corpo pelo vehiculo, que está averiguado que é nocivo.

D'aqui o viver-se uma vida que póde dizer-se artificial a que por força se succumbe prematuramente, d'aqui a materia prima para a lesão cardiaca e para a tuberculose... —Mas... onde vou eu? Então para

lhes dizer que Lisboa está deserta n'esta epocha e só cá está quem não pôde deixar de estar, não ia indo, indo por ahí além, dando largas á penna, abusando da paciência dos que me lêem, se é que não lhes falleceu a coragem no meio da jornada? Mas eu não lhes disse que foi com satisfação que tomei este encargo? E creiam que se não dou por mim ia-me espraçando e d'aquí a nada era pouco o espaço do jornal para a chronica. Já isto e mais duas noticias que vou dar-lhes me parece demasiado, mas agora não volto atraz, não corto coisa nenhuma, deixo liberdade plena á redacção para o fazer, promettendo, todavia, de futuro ser mais laconico e pôr um freio na penna.

* * *

Simplemente imponente a homenagem que a cidade de Lisboa vem de prestar a memoria do que foi o mais eminente escriptor que ainda teve Portugal n'este seculo.

Eça de Queiroz, esse escriptor primorossissimo que de modo inegualavel possuia n'um grau intensissimo e culminante a impressionabilidade imaginativa que, junta á faculdade de reproduzir os objectos por ella desenhados, constitue o poder do romancista, como o affirma Guerra Junqueiro; esse talento privilegiado, cujas producções constituíam outras tantas glorias para o paiz que se orgulhava em o ter por filho, desceu hontem á sua ultima morada, quando tanto havia ainda a esperar do seu fulgurante talento.

O ultimo adeus da cidade de Lisboa, expontaneo e colectivo, foi sobremaneira imponente e condigno.

Por todas as ruas do trajecto, desde o Terreiro do Paço onde desembarcou o fero, de bordo do Africa, até ao Cemiterio do Alto de S. João, era enorme a concorrência de gente de todas as classes, ávida de curiosidade por assist'r á passagem do funebre cortejo.

O carro funerario, ornamentado pelo eminente artista Bordallo Pinheiro, d'um modo simples e elegante, produzia bello effeito pela boa disposição das innumeradas corôas e bouquets de flôres naturaes e artificiaes.

No cemiterio, onde a agglomeração do povo era maior, discursaram o ministro da Marinha, Teixeira de Souza e Brito Aranha.

* * *

A respeito de theatros pouco ou nada lhes posso dizer porque, á excepção do da Trindade que nos está dando com successo «A volta do Mundo em 80 dias» e o do Principe Real que tem levado a magica já gasta—«A Sombra do Rei», todos os demais estão fechados ainda.

Promette-se para o proximo sabbado a abertura do Colyseu dos Recreios, esse magoso e elegante circo, dos primeiros da

Europa, para o qual Santos Junior, o arrojado empresario do mesmo colyseu, contrahou, dizem, as primeiras celebridades do mundo no genero acrobata, comico, mimico etc., etc. *Ved. reme e dops parlaremo.*

* * *

A' hora em que estou rabiscando estas linhas, passa por sob a minha janella, marchando com garbo, á frente a respectiva banda, o regimento de infantaria 1, que vae juntar-se na estação de Alcantara-terra com infantaria 2 e outras unidades, seguindo para Mafra, onde nos dias 20, 21 e 22 do corrente se realisam as manobras do outomno.

Com o mesmo fim, seguem tambem da estação do Rocio outros corpos da capital que, todos unidos, formarão duas brigadas mixtas, dirigidas pelo general de brigada Lencastre de Menezes.

JAYME DE LACERDA.



JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, das 6 ás 8 horas da noite, o programma seguinte:

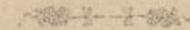
1.ª parte

Hymno Nacional.
Rosa et Margarites—quadrilha de walsas
—*Valdteufel.*

Bauditem Striche—Ouverture—*Suppé.*
Claro de Luna—mazurka—*Gravado.*

2.ª

Mes Amours—polka—*E. du Fonseca.*
Africana—Grand-fantasia—*Verdi.*
Morena—walsa—*Arão.*
El Duo da Africana—Ordinario.



Correspondencia

Néro—Guimarães.—Não pôde ser inserido o seu trabalho, sendo preciso desmascarar-se perante a Redacção se quizer ser attendido de futuro.

* * *

Moisés—Guimarães.—A sua producção irá no proximo numero se nos fizer o mesmo que recommendamos a *Néro*.

* * *

A. P. Aguiar—Porto.—Os tres sonetinhos que remetteu já impressos são inéditos e devem levar a sua assignatura?

* * *

Revista de Bibliographia—Porto.—Agradecemos á sua Redacção os cordeas complimentos.

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

Chronica vimaranense

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

Uma chronica!...

E' ardua tarefa alinhaval-a, quando nao ha acontecimento que a inspire, nem feitio que a transmitta ao papel.

Demais agora, que a maior parte da gente deixa a monotonia d'esta cidade angusta e abala para as praias, a confundir-se no seu bulicio deleitoso e constante, aproveitando-se uns das appetitosas e frescas ondas do oceano, onde amados corpos luarentos se balsamizam e mostram as formas divinaes, e na fé sedenta outros de conquistar futuros prosperos, captivando paixões estranhas, mensageiras de risinhos dias...

Como era assumpto de uma bella chronica, se eu fóra a descrevel-o!...

Oh! mas é mais bello, é mais sublime, mais poetico, fugir para as aldeias, como muitos fogem!

Sim! ir para ali, ouvir os clarins da madrugada ainda a horas mortas e de reponso; vêr nascer o dia alentado por um sol mórno e translucido, estendendo as suas tenuissimas toallas d'ouro por sobre a natureza alegre e verdejante, onde as libertas aves saltitam, contentes, de ramo em ramo, gorgendo canções mysteriosas, cheias de encanto e alegria mixta.

E a humanidade, então, bendiz o Creador e adora estes esplendores vivificantes e saudaveis, pejalos de phantasias evocativas d'amor, perfumadas ellas de suaves e doces mysterios que só a casta mocidade profunda, á cata do seu ideal sonhado, ora gemendo saudades nostalgicas e melancolicas, ora ridente das illusões da vida, tão repassada de amarguradas desditas.

Depois... ao cahir da tarde, quando o já fulvo sol se esconde lá no longe, atraz de montes esguios, e a vetusta torre da freguezia ressoa as plangentes Ave-Marias—olhar o avelludado azul do ceu com o seu cortejo de coruscantes estrellas, vendo-as, tremulantes, a espe'har-se nas límpidas aguas que mormuram em subtil brinquedo nos regatos caudalosos, e, além, no branco esmaecido das estradas, o pegureiro com o seu rebanho de cordeirinhos a caminho do pedil, soltando angelicas toadas, que se abafam com as vozes de ranchos de mulheres sadias que passam distante na volta da faina das vindimas, cantolando trovas simples, novelladas de puros affectos juvenis, de mistura com affeições idas nos vaivens da sorte...

E como estas ingenuas bellezas naturaes eram proprias e dignas de uma chronica, se eu fóra a descrevel-a!...

JOVENAL.

HORAS VAGAS

→←

CHARADA

Já lá vae esse tempo formoso
Em que eu era creança, petiz;—2.
Que saudades do rio caudoso,
Quando em voga um barquinho feliz!—2.

Que lembranças infindas dos paes
É da terra que vi ao nascer...
Oh! quem déra abafar tristes ais
É só n'ella tornar a viver!...

PORTO ALEGRE.

*

CARTA ENYGMATICA

Minha 1, 2, 3, 4:

De cada vez te amo e quero mais 7, 3,
4, 5, 6, 7, 8.

Levo muitas vezes as noites inteiras pensando em ti, 4, 3, 2, 8 de minh'alma.

Sinto do coração que a minha partida brusca para 8, 6, 8, 7, 5, 8, d'onde me dão a infasta noticia da queda de meu primo 8, 1, 2, 8, 2, 3 de um cavallo que montava, me prive de te escrever a cartinha em que te conto as minhas impressões quotidianas; mas tu, que és tão 2, 5, 6, 7, 8 como boa, me relevaris d'esta falta involuntaria e n'essa espectralativa permite que parta immediatamente o sempre teu

8, 7, 4; 5, 8, 6, 3.

Publicam-se os nomes ou pseudonymos de todos os decifradores que, até sexta-feira, nos remetam as decifrações, as quaes serão insertas no numero proximo.

A MEMORIA

Preço da assignatura

Cada trimestre (sem estampilha)...	300
" " " (com estampilha)...	350
Numero avulso	50
Annuncios, reclames e communicados na 6. ^a , 7. ^a e 8. ^a paginas, linha.....	40
Annuncios permanentes, contrato especial,	

*

Accusa-se a recepção de quaesquer publicações, quando enviados 2 exemplares.

CURSO PARTICULAR PARA AMBOS OS SEXOS

Este estabelecimento de ensino primario obteve, na presente epocha de exames d'instrucção primaria, o seguinte resultado:

Maria Magdalena Moura de Noronha Araujo, distincta.

Maria da Conceição Pereira da Motta, distincta.

Anna Candida Pinto, 14 valores—approveda.

Antonio Jeronymo Lopes da Cunha, 14 valores—approvedo.

O professor d'este estabelecimento recebe em sua casa alumnos internos e externos, não se poupando a sacrificios para que elles obtenhamo, menor espaço de tempo, o maior aproveitamento possivel, como prova pelas classificações obtidas e acima mencionadas.

As aulas continuam permanentes.

LARGO DA OLIVEIRA
(CASA VENANCIO)

O professor,
José Leite Mendes.

PROGRESSO DA MODA

DE
OLIVEIRA & SILVA

28—Campo do Toural—31

GUIMARÃES

Grande sortimento de artigos da moda e todas as confecções de vestidos e chapéus para senhora e creança.

OFFICINA

DE

Caldeireiro e serralheiro

DOMINGOS Villa Nova Guimarães, (o Cavallaria) participa aos seus estimados freguezes que se encarrega e fabrica toda a obra de caldeireiro e serralheiro, a preços convidativos, para o que está competentemente habilitado, podendo desde já ser procurado na sua officina,

RUA NOVA DE S. ANTONIO, 74 e 76

GUIMARÃES

TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUZA
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, envelopes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; ratulos para pharmacia e para vinho; cartas fúnebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.

Carimbos de borracha, metal e madeira.